

N. 26/12/86

Francisca nasceu no mato quando os pais eram cativos

• A mãe foi obrigada a longas marchas antes do parto

O mais novo dos 57 reféns, que os bandidos armados libertaram na semana passada completou no dia 22 de Dezembro oito dias de vida. Estava já em Maputo.

Trata-se de Francisca Ferrão, registada como portuguesa, mas por ter nascido em Moçambique ela tem o direito à cidadania moçambicana. Ela nasceu algures na mata da província Zambézia, na marcha que a mãe fez para a fronteira malawiana.

O seu pai, José Matias Ferrão, 31 anos, é um cidadão português de origem indiana, e sua mulher, Júlia Sangarota, 23 anos, nasceu em Moçambique. Sob a lei moçambicana de nacionalidade, uma mulher que contraia matrimónio com um cidadão estrangeiro perde a sua cidadania moçambicana.

José, Ferrão vive em Moçambique desde 1964, e estabeleceu-se como comerciante na cidade zambesiana de Milange, junto à fronteira com o Malawi. Lá ele tinha um estabelecimento comercial, e uma pequena moagem para cereais com a capacidade de farinar mil toneladas de milho por ano.

Mas a 29 de Setembro deste ano, a vida de José Ferrão, como comerciante, foi interrompida. Nessa manhã, um grupo de bandidos (estimados por outros testemunhas em 2000) invadiu Milange e saqueou a cidade.

A Loja de José Ferrão foi destruída e todos os seus bens roubados. A moagem também desapareceu.

— Nós deixámos a casa durante o ataque, e quando regressámos tudo tinha desaparecido, incluindo a nossa roupa — disse ele à AIM.

Os bandidos cercaram-nos, a ele Júlia e seus filhos, Abel de quatro anos, e Cláudio, de dois anos, e obrigaram-nos a marchar para a cidade de da.

E marcharam durante quatro dias, dormindo no mato e vivendo de milho e farinha de mandioca. Nessa altura, Júlia estava grávida de pouco mais de seis meses.

No quarto dia, eles chegaram a um acampamento no vizinho distrito de Mambala. A família foi forçada a viver aqui cerca de dois meses. Então chegou a mensagem de que eles deveriam regressar para a fronteira malawiana.

Apesar do seu estado, Júlia foi obrigada a andar até mesmo no dia do nascimento da criança. Só depois

A 17 de Dezembro, três dias depois do nascimento de Francisca, o grupo atingiu a fronteira em Milange e foi

todos os antigos reféns. Eles concluíram que Ferrão, Júlia e Francisca estavam bem de saúde, mas que Abel



A família Ferrão fotografada em Maputo, vendo, e a pequena Francisca ao colo da sua mãe

de ter nascido Francisca é que Júlia foi transportada de maca.

O parto foi assistido por três indivíduos que se apresentaram como enfermeiros. Nos dias que se seguiram ao parto, Júlia não tinha leite materno para dar à criança, e então os bandidos deram ao recém-nascido soro que vinha numa embalagem de fabrico italiano, presumivelmente roubado de um posto de Saúde.

entregue aos cuidados dos representantes do Comité Internacional da Cruz Vermelha.

A família Ferrão foi prometido tratamento médico no Malawi, mas este nunca chegou a dar-se.

— O homem da Cruz Vermelha disse-nos que o médico que nos devia tratar estava de férias — disse José Ferrão.

Somente quando eles chegaram a Maputo receberam tratamento médico. As autoridades médicas observaram

e Cláudio sofriam ambos de malária.

José Ferrão pretende levar toda a sua família para Portugal onde tem uma irmã e um cunhado. Ele disse à AIM que tentará encontrar trabalho em Portugal.

Ele louvou a atenção que as autoridades moçambicanas prestaram aos antigos reféns.

— Nós fomos bem recebidos em Maputo, e fomos bem tratados — acrescentou. Aqui nós não temos problemas.